



UMA FACE ALEGRE DA GEOMETRIA EM OS LADOS DO CÍRCULO, DE AMILCAR BETTEGA BARBOSA

FERREIRA, Rafael Dias¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Graduando em Letras – Português e Francês e Respectivas Literaturas (UFPel); integrante do Grupo de Pesquisa Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade, coordenado pelo Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha; rafael.dias.ferreira@hotmail.com

²Doutor em Letras; professor de Literatura, na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas (UFPel); profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é versão de ensaio em que analisamos os contos do terceiro livro do escritor gaúcho Amilcar Bettega Barbosa, intitulado *Os lados do círculo* (2004), no qual se buscou situar o conjunto desses textos na totalidade de sua obra (*O voo da trapezista*, 1994; *Deixe o quarto como está*, 2002), assim como no contexto da literatura brasileira contemporânea. A intenção foi a de averiguar a evolução de seu projeto literário e sua possível filiação a linhas intertextuais canônicas da narrativa de ficção.

A especificidade da obra desse autor, decorrente da utilização de recursos curiosos na concepção textual, demonstra complexidade surpreendente para o leitor detido em sua acuidade intelectual. O esforço foi direcionado à identificação dessas características, com o intuito de criar e discutir hipóteses de leitura para os textos de Barbosa. Assim, o foco da análise deteve-se em aspectos relevantes à produção de sentido, em detalhes aparentemente isolados, para os diversos contos, uma vez que o trabalho resultante não pretendeu encerrar interpretações definitivas ou totalizantes, mas investigar a ligação dos fios da trama tecida no conjunto ficcional, mediante a reflexão acerca de problemas de densidade considerável.

Como relatado na descrição do subprojeto de pesquisa,¹ análise intratextual foi realizada na direção de avaliar, criticamente, esses textos, para identificar as forças estéticas atuantes que possibilitariam sua inserção em um possível cânone da atual literatura brasileira, a ser proposto ao final da investigação.

¹ Desenvolvemos, junto ao projeto de pesquisa *Literatura Brasileira Contemporânea: fluxos e influxos transtextuais* (código COCEPE: 8.02.10.011), o subprojeto intitulado *A engenharia literária de Amilcar Bettega Barbosa*, cujo intento é o de averiguar em que linha intertextual sua obra está inserida, ou em que tradição pode ser lida, a partir da análise dos livros *O voo da trapezista*, *Os lados do círculo* e *Deixe o quarto como está*, fazendo uso da comparação com outros textos (nacionais e estrangeiros, literários ou formatados em outras linguagens, canônicos ou não), uma vez que é necessário avaliar a qualidade exposta pelas produções do autor no que tange a sua inclusão em um possível cânone da literatura brasileira, ainda que provisoriamente determinado.

2. METODOLOGIA

A abordagem utilizada na pesquisa inseriu-se em uma perspectiva comparatista, que visou estipular a posição ocupada pelos textos do escritor no panorama da literatura brasileira contemporânea, bem como investigar as relações intertextuais de seus contos com narrativas formatadas por meio de outros códigos artísticos e culturais. O reconhecimento desses vínculos criativos perpassou não só a mera identificação das chamadas “influências”, mas, também, o trabalho singular do criador em seu relacionamento com os textos da tradição.

3. DISCUSSÃO

A obra *Os lados do círculo* é composta por doze contos, dividida em duas partes, contendo cinco textos cada uma, mais dois, posicionados no início e ao final do livro. Estes últimos são chamados de “O puzzle (fragmento)” – o primeiro – e “O puzzle (suite et fin)” – o derradeiro. Os outros dez compõem as partes “UM LADO” e “LADO UM”, intitulados “A próxima linha”, “Círculo vicioso”, “Teatro de bonecos”, “Crônica de uma paixão” e “Verão” (“LADO UM”); “A aventura prático-intelectual do sr. Alexandre Costa”, “A/c editor cultura segue resp. cf. solíc. fax”, “*Mano a mano*”, “Álibi” e “The end” (“LADO UM”). A partir apenas dessa disposição no sumário pode-se perceber de imediato a valorização modelar apreciada pelo autor. De fato, sua formação em engenharia civil sugeriria interferência significativa em sua concepção literária; porém, a leitura atenta de seus textos pode não suscitar considerações tão categóricas e de caráter instigador para aqueles que se propuserem a sedimentar suas interpretações mediante novas leituras. O acúmulo desses estratos hermenêuticos contribui, também, para o entendimento das propostas de escritores que tratam da composição textual naquilo que ficou conhecido como “metaficção”, pois o labor autoral pode ser visto através das constantes referências aos experimentos formais que perpassam *Os lados do círculo*.

Um dos aspectos mais marcantes a ser ressaltado sobre isso é a utilização inusitada de elementos da tradição do pensamento ocidental em contos de teor, às vezes, “fantástico”, imbuídos de paradoxos radicais, como os de outros criadores especializados no gênero, o que demonstra a preocupação em ressaltar o diálogo intertextual – com o autor Julio Cortázar, especialmente. Como exemplo desse ponto, pode ser aludida a epígrafe da parte “UM LADO”, retirada de *Os cantos de Maldoror*, do Conde de Lautréamont, pseudônimo de Isidore Lucien Ducasse, o qual desempenhou papel significativo para as tendências artísticas presentes no surrealismo e nas vanguardas do séc. XX, além de ser considerado um dos fundadores das narrativas às quais foram atribuídas, posteriormente, essa noção de “fantástico” – devido à sua contestação ideológica da razão dualista ocidental:

tua forma harmoniosamente esférica, que alegra o rosto grave da geometria, só me lembra em demasia os olhos pequenos do homem, iguais aos do javali pela pequenez, e aos dos pássaros da noite pela perfeição circular do contorno.

Lautréamont, *Os cantos de Maldoror* (BARBOSA, 2004: 21)

Ver, pois, ídolos filosóficos – noções de ordem, precisão, disposições geométricas, facticidade técnica e científica, etc. – assimilados pela lógica incomum de tais textos produz a compreensão das tramas gramaticais nas quais se

emaranham os leitores desavisados. Tais recursos linguísticos, ultrapassando qualquer simplismo estilístico, fundam contradições úteis à ficção ambicionada pelo gênero. Barbosa opera, assim, a implosão dos alicerces de discursos centralizadores e de racionalismos estreitos, expondo o solo arenoso em que são fundados os constructos da razão por meio de inversões drásticas dos valores atribuídos a essas concepções rudimentares e generalizantes, advindos da substituição de verdades diacronicamente instáveis. Esse caráter paradoxal é construído a partir da presença crítica desconcertante, produtora de efeitos desagradáveis ao público leitor, sob a forma de excrescências temáticas, matérias de difícil abordagem em espíritos mais conservadores ou sensíveis. Eis aí um efeito de impacto considerável, não só sobre a consciência do leitor, como sobre suas próprias construções de linguagem, de desvendamento de sentidos possíveis, na posição de destinatário, para os textos em questão.

Assim, a leitura dessa obra mostra-se estimulante desde o princípio. Com efeito, a partir do título, um problema já é estabelecido, quando o autor faz com que a figura do “círculo” adquira lados por intermédio de sua relação com outras formas geométricas. Tal proposição aparece expressa na epígrafe retirada de Amaro Barros, logo após a dedicatória:

e até matematicamente (o que é apenas uma forma) eu e minha falta de liberdade e meu esforço inútil para ir a qualquer lugar, estávamos explicados: com seu centro fixo, um quadrado em movimento gera o círculo que o aprisiona. Uma questão de movimento ou ausência dele: o quadrado, os lados, o círculo.

Amaro Barros, *Emparedado* (BARBOSA, 2004: 7)

A partir dessa constatação inicial, pode-se indagar o seguinte: o que Barbosa pretende, em um aspecto amplo de seu trabalho como ficcionista, quando introduz elementos de uma área da matemática voltada para o estudo do espaço e das formas que podem ocupá-lo, apreço pela geometria euclidiana ou descrédito dirigido à segurança das concepções científicas, uma vez que problematiza suas definições técnicas? De qualquer modo, o trabalho de interpretação textual é sobremaneira complexo, devido, em parte, às constantes atualizações dos significados que possam adquirir, nos diversos contos, os padrões acima referidos. Mesmo uma consulta despreziosa a entradas de dicionários e enciclopédias demonstraria esse ponto, uma vez que as palavras usadas pelo autor adquirem polivalências desconcertantes, como, por exemplo, o uso da figura do título. Sabe-se que, para além de sentidos habituais, os termos “círculo”, “quadrado”, “linha”, etc. podem carregar consigo noções figuradas intrigantes, e, ainda mais, quando pensadas juntamente aos contextos ficcionais desenvolvidos pelo escritor. Dentre as muitas possibilidades semânticas, relativas a essas presenças textuais, algumas foram tratadas no decorrer do artigo, quando a devida atenção foi dada aos contos, separadamente, e à perspectiva de leitura da obra como um conjunto indissociável.

4. CONCLUSÕES

Para concluir, cotejemos duas referências que tratam da natureza do texto literário e de sua composição. Primeiramente, sobre problemas a respeito dessas fórmulas, eis o que diz Michel Foucault, em uma conferência pronunciada nas

Facultés Universitaires Saint-Louis, de Bruxelas, na Bélgica, em março de 1964, intitulada “Linguagem e literatura”:

Como vocês sabem, a questão hoje célebre “O que é a literatura?” está, para nós, associada ao exercício da literatura não como se fosse colocada *a posteriori* por alguém que se interrogasse sobre um objeto estranho e exterior, mas como se tivesse seu lugar de origem na própria literatura. **Formular a questão “O que é a literatura?” seria o mesmo que o ato de escrever [...].**

[...] Por isso, gostaria de distinguir claramente três coisas. Primeiro, a linguagem [...]. Segundo, a obra [...]. Terceiro, a literatura, que não é exatamente nem a obra, nem a linguagem. A literatura não é a forma geral nem o lugar universal onde se situa a obra de linguagem. É, de certo modo, um terceiro termo, **o vértice de um triângulo** por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem (apud MACHADO, 2005: 139-140) [grifo nosso].

Por sua vez, Roland Barthes, ao tratar do possível papel da literatura e de como esta escapa às determinações modelares, diz o seguinte:

[...] todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] Verdadeiramente enciclopédica, **a literatura faz girar os saberes**, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro: a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (apud PERRONE-MOISÉS, 2003: 210) [grifo nosso].

Associando o que a crítica francesa chamou *l'effet boucle*,² presente na metaficção *Os lados do círculo*, e comparando-o à circulação dos saberes, referida por Barthes, e ao triângulo de Foucault, dir-se-ia que a literatura de Amílcar Bettega Barbosa desestabiliza as designações conceituais, representadas pelo simbolismo desses padrões geométricos, e dá vazão à instabilidade das formas que possa assumir o texto literário, naquilo que o aporte do pensamento analógico do Conde de Lautréamont, em relação à singularidade dessa dimensão ficcional, definiu como alegrar “o rosto grave da geometria” (LAUTRÉAMONT, 2005: 85).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Amílcar Bettega. **Deixe o quarto como está**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BARBOSA, Amílcar Bettega. **Os lados do círculo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

² Em uma tradução livre, “o efeito circuito”, expressão que designa a ideia de volta completa, com retorno ao estado inicial, formando um universo diegético *ad infinitum*. “**boucle** [bukl] *nf* [de cheveux] caracol *m*; [de fil] volta *f*; [de ceinture] fivela *f*; [circuit] curva *f* fechada; **boucle d'oreille** brinco *m*” (BOUCLE. In: **Dicionário Larousse francês-português, português-francês**: míni. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005).

BARBOSA, Amilcar Bettega. **O voo da trapezista**. Porto Alegre: IEL: Movimento, 1994.

LAUTRÉAMONT, Conde de. **Os cantos de Maldoror**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.